

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega
Portugal (franco de porte, m. torte)	3\$800	1\$900	6950	8120
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

17.º Anno — XVII Volume — N.º 574

1 DE DEZEMBRO DE 1894

Redacção — Atelier de Gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



CHRONICA OCCIDENTAL

Ha cêrca d'um anno, pouco mais ou menos, honrando as paginas do OCCIDENTE com o retrato da sr.ª Duqueza de Palmella, registámos a inauguração da primeira cosinha economica de Lisboa, essa benemerita e caridosa instituição que se

deve á energica, santa e generosa iniciativa d'essa nobre senhora que pelo seu alto nascimento, pela sua suprema distincção, pela sua incomparavel elegancia e pelo seu glorioso talento, occupa lugar culminante entre as damas mais illustres da nossa mais illustre sociedade.

Hoje temos que registar aqui, a inauguração d'uma nova cosinha economica, a cosinha do Regueirão dos Anjos, a segunda que entre nós estabelece essa humanitaria sociedade e hoje como hontem, corre-nos o gratissimo dever de mais uma vez glorificarmos o nome da sr.ª Duqueza de Palmella, esse nome que é abençoado pelos po-

bres, que é querido pelos artistas, que é respeitado por todo o paiz, porque hoje como hontem encontramol-a á frente d'essa piedosa obra de caridade de que a sr.ª Duqueza de Palmella, é a directora, é a protectora, é a vida, é a alma!

A nova cosinha economica é no Regueirão dos Anjos, como já dissemos, e está installada n'um chalet construido pela sociedade, para esse fim e obedecendo ao typo adoptado para aquellas installações.

Consta de dois pavimentos; no inferior estão installadas a grande sala do refeitorio, com 27 mezas forradas de zinco para se servirem os jan-

MORTE DO IMPERADOR DA RUSSIA



O PALACIO DE LIVADIA, ONDE FALLECEU ALEXANDRE III

tares, e a cosinha, separada d'essa sala por uma divisória de madeira e arame, com os seus *guichets* para recepção das senhas. Esse salão recebe luz por dez janellas. No pavimento superior são os dormitórios das sete irmãs de caridade que fazem o serviço da cosinha.

A inauguração realizou-se na quinta feira 21 de novembro com enorme concorrência, e sendo os jantares servidos aos pobres pelas sr.^{as} Duqueza de Palmella, Marqueza do Fayal, Marqueza do Rio Maior, de Fronteira, de Monfalim, Condessa de Sabugosa, Baroneza de Lebseltern, D. Josepha Sandoval, D. Thereza Bocage, D. Maria Luiza de Mello, D. Carolina Tavares, D. Julia de Brito e Cunha.

N'esse primeiro dia venderam-se 600 jantares completos, além de 98 rações de pão, 99 de sopa, 95 de carne com batatas e 15 de vinho.

O jantar constava de sopa, carne guisada com batatas, pão, vinho e sobremesa, e custava 80 réis. A sobremesa n'esse dia foi offerecida gentilmente pela sr.^a Duqueza de Palmella.

Esta benemerita sociedade de que já fizemos rapidamente a historia, quando em tempo nos referimos a ella, foi iniciada principalmente pela sr.^a Duqueza de Palmella que é a presidente perpetua da direcção, e o seu capital inicial compõe-se de 1:485\$135 réis, producto da recita de caridade realisada ha dois annos no theatro de S. Carlos, de 5:200\$000 réis, doativo da sr.^a Duqueza de Palmella e de 2:031\$895 réis de donativos diversos.

Não visitámos ainda a nova cosinha; logo que o façamos daremos d ella mais minuciosa noticia.

O mundo musical acaba de perder dois artistas ambos distinctos, guardadas as devidas proporções, um, uma celebridade gloriosa, o mestre dos mestres, o primeiro pianista do mundo, o famoso Rubinstein, outro de cathogoria mais modesta, mas muito conhecido e muito apreciado em Lisboa, o sr. José Antonio Vieira, professor do Conservatorio Real de Lisboa.

Rubinstein deixou-se ouvir uma vez em Lisboa, e teve a boa fortuna de assistir a esse unico concerto que elle deu no theatro de D. Maria.

Já lá vae um par d'annos sobre esse concerto, mas foi tão profunda a impressão que elle me causou, que me lembro d'elle perfeitamente ainda.

Rubinstein era um homem d'uma fealdade medonha.

Era tão feio, tão feio, que chegava a ter o que quer que fosse de phantastico, de extranho, de demoniaco.

Quando elle appareceu no palco de D. Maria a impressão que causou no publico não podia ser peor, mais desagradavel, mais repulsiva.

Sentou-se ao piano e apenas passou as suas longas mãos pelo teclado, correu por todos os espectadores que erchiam o theatro esse *frisson* inexplicavel, que só o genio sabe provocar.

Eu tenho ouvido muitos pianistas, mas nunca tinha ouvido nada parecido com aquillo, nunca imaginára que se podesse tocar assim, que d'um piano se podessem tirar aquellas sons.

Era um verdadeiro assombro Rubinstein a tocar piano, e ouvindo-o comprehendia-se logo a sua celebridade musical, o motivo porque elle era considerado sem contestação o primeiro entre os primeiros, o mestre dos mestres.

Com o primeiro concerto de Rubinstein em Lisboa, coincidiu o attentado dos nihilistas contra o imperador Alexandre II, a morte do czar.

Rubinstein era mestre da capella imperial de Alexandre II e em vista do tragico acontecimento que enluctou toda a Russia, não deu mais nenhum concerto em Lisboa e partiu immediatamente para S. Petersburgo.

E nunca mais cá voltou esse admiravel artista, que depois de Listz era o mais extraordinario pianista que tem apparecido na Europa. Enorme como pianista, sem rival n'esse campo, Rubinstein ambicionava muito mais que os louros de pianista, os louros de compositor. Escreveu varias operas a que elle ligava grande apreço, mas que em parte nenhuma, nem mesmo na sua terra, na Russia, onde elle era muito querido, tiveram grande successo.

Essa falta de successo como maestro, desgostava-o immenso e tanto que ultimamente vingou-se do pouco caso que o publico fazia das suas operas, não tocando em todos os seus concertos se não trechos e motivos d'essas operas.

Rubinstein não era ainda velho e era muito robusto e forte.

Morreu repentinamente, fulminado por uma apoplexia.

José Antonio Vieira era um excellente pianista, um excellente professor e um excelente homem, por isso era muito apreciado, muito querido e a sua morte deixa no professorado do Conservatorio uma vaga difficil de preencher deixa entre os seus amigos e os seus discipulos profunda e immorredoura saudade.

Novo ainda, pois José Antonio Vieira contava apenas 42 annos de idade, conquistára com o seu talento e com o seu trabalho, — que elle era um trabalhador infatigavel — uma solida reputação artistica, e com o seu methodo de ensino e a sua alta competencia de mestre, fizera na sua curta carreira de professorado, um grande numero de pianistas distinctos, alguns dos quaes já são hoje professores muito apreciados.



JOSÉ ANTONIO VIEIRA

Vieira pertencia a uma familia de artistas. Seu pae e seu unico mestre de piano, Antonio Pedro Vieira, fôra um musico distincto do seu tempo, condiscipulo do celebre Migone, seu avô paterno e seu avô materno foram tambem musicos que tiveram nomeada na sua epoca, e o seu bisavô materno, André Lenzi era um violinista eximio, que viera de Livorno, sua patria, para Portugal contratado para a orchestra do Real Theatro de S. Carlos.

O pae de José Vieira queria que elle seguisse uma carreira scientifica mas as suas precoces tendencias artisticas eram tão notaveis, que revelaram e impozeram logo qual a carreira que elle devia seguir: — a mesma em que se tinham illustrado os seus maiores, a carreira musical.

Muito novo ainda, n'uns saraus artisticos que havia na Escola Academica, onde estudava preparatorios, José Vieira affirmou-se logo um pianista fora do vulgar.

Em 1867, tendo apenas 15 annos d'idade, n'um concerto no salão da Trindade, Vieira apresentou-se pela primeira vez ao publico, executando trechos de piano dos mais difficeis e com tão brilhante execução, que o seu nome tornou-se logo conhecido e apreciado entre os musicos e os *dilettanti* de Lisboa.

Estudando sempre, progredindo de dia para dia, dominado pela sua irresistivel vocação artistica, pelo amor da arte, que foi a grande paixão de toda a sua vida, José Vieira fundou em 1885, com o maestro Daddi, a *Sociedade dos Concertos de Lisboa*, e mezes depois, com o maestro Freitas Gazul, a sociedade dos *Concertos Populares*, sociedade destinada a tornar conhecidas do publico as mais notaveis composições dos maestros portuguezes antigos e modernos.

Em 1889 José Vieira concorreu á cadeira de Piano no Conservatorio Real de Lisboa, vaga pela morte do professor Lima; e conquistou esse logar por um concurso dos mais brilhantes e notaveis que se tem feito no nosso Conservatorio.

Nomeado para essa cadeira, José Vieira regueu a até agora, com incedivel zelo, illustrando-a com o seu notavel talento, com a sua alta proficiencia e com a enorme dedicação que tinha pela arte musical e pelo ensino, dedicação que era um verdadeiro culto, a que dedicou toda a sua vida.

Aqui ha annos José Vieira teve uma doença gravissima, uma pleuresia que por muitas semanas poz em risco os seus preciosos dias e de que escapou quasi que milagrosamente.

Restituído á saúde, apesar d'essa saude não tornar nunca mais a ser o que era d'antes, Vieira continuou no seu trabalho com uma actividade febril, como que presentindo já que pouco tempo

lhe restava para trabalhar e querendo aproveitar d'esse tempo todos os minutos.

A sua morte foi quasi repentina. Uma pneumonia matou o em tres dias! Ainda n'um dos primeiros dias da semana passada o encontramos na rua. Estivemos conversando um longo pedaço, fallando de musicas, que era o seu assumpto permanente, que occupava todo o seu espirito e todo o seu tempo, e mal sabia eu ao despedir-me d'elle, que tão cedo teria de registrar aqui a sua morte, de deplorar a perda do artista illustre, de chorar o desaparecimento d'um amigo velho e querido. Grande talento, grande alma, grande caracter, espirito aberto a todas as grandes ideias, coração aberto a todos os grandes sentimentos, José Vieira deixa em todos que o admiraram como artista, que o conheceram como homem, profunda e sincera saudade.

Paz á sua alma e os nossos pezames á sua desolada familia.

Não queremos terminar a nossa chronica sem nos referirmos a esse extraordinario phenomeno que está attrahindo as atenções do publico no Real Colyseu de Lisboa, e que em França foi a admiração do mundo scientifico: — o celebre calculador Jacques Inaudi.

Não se trata de modo algum d'uma celebridade de circo, d'um prestigiador habil, d'uns *trucs* mais ou menos bem inventados e executados, trata-se d'um phenomeno cerebral que em França foi admirado e estudado pelos homens de sciencia mais eminentes, entre elles o famoso Charcot.

O cerebro de Inaudi é um cerebro originalissimo, um exemplar unico que se impõe ao estudo e á admiração de todos que estudam a fundo essa especialidade.

A faculdade da memoria está desenvolvida n'elle d'um modo assombroso e d'ahi a rapidez verdadeiramente excepcional, quasi que phantastica, com que elle retém todos os algarismos e com que elle faz mentalmente os mais complicados e difficeis calculos arithmeticos.

É tão extraordinario esse trabalho, que elle faz com a maior facilidade, porque n'elle não é mais que uma tendencia especial do seu cerebro, que a primeira impressão que se experimenta ao ver esse trabalho é que anda ali qualquer *truc* desconhecido de prestigiador habilissimo, e d'ahi, d'essa impressão, o haver os espertos, os que bebem do fino, que dão tratos á imaginação para descobrir esse *truc*, como se se tratasse do armario dos irmãos Davenport ou das suggestões do Onofroff.

Inaudi é assombroso como é tudo quanto sae das regras geraes da natureza humana, como o são todos os phenomenos, e senão por divertimento, porque os trabalhos que elle faz não constituem precisamente o que se chama um divertimento de circo, mas por curiosidade, ninguém deve deixar de ir vel-o, porque é realmente extraordinario.

O Inaudi, o O'Kill e a dança serpentina a cavallo, tem dado successivas enchentes ao Colyseu da rua Nova da Palma e comprehendem-se perfeitamente isso, porque estas tres novidades, cada qual em seu genero, são interessantissimas.

O Colyseu dos Recreios abriu tambem ha dias as suas portas sob a direcção d'uma artista muito gentil, que teve grande exito em Lisboa, no Circo da Ribeira Nova, successo que a animou a tentar a exploração do grande Colyseu novo, a sr.^a Spampani.

Tem sido bastante concorridos os espectaculos do Colyseu dos Recreios, a sr.^a Spampani tem sido muito applaudida, e agora annuncia-se n'aquella casa de espectaculos, para muito breve, uma novidade de sensação, n'um genero que agrada sempre muito em Lisboa: — a exhibição d'um domador de ursos que faz, segundo dizem, maravilhas, com os seus discipulos.

Veremos e fallaremos.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

MORTE DO IMPERADOR DA RUSSIA

PALACIO DE LIVADIA

Na deliciosa posição de Salta, ou Yalta, situada a sudoeste da Criméa, nas margens do mar Morto, existiu em outros tempos um povoado cujas sin-

gulares condições de salubridade e de clima, mercê do abrigo de uma alcantilada serra, eram de ordem tal, que lograram inspirar ao czar Alexandre II, pae do monarcha cuja perda, no momento actual, o povo russo tão sinceramente pranteia, a ideia de edificar n'aquella pittoresca quanto amena região, uma vivenda onde, durante os rigores terríveis do inverno moscovita pudesse opportunamente evitar as frigididades e asperas temperaturas da capital de Pedro o Grande, e repousar dos cuidados e inquietações de espirito, inherentes ao pesado encargo de governar tão vasto imperio, os quaes vinham, de continuo, assaltal-o, tornando-lhe, por vezes, bem amarga a existencia, no seu palacio sumptuosissimo de Tzarkoé-Sélo.

Em breve espaço de tempo, e como por arte magica, operou-se n'aquella humilde e recondita aldeola completa transformação: o formoso palacete de Alexandre II não tardou em ver-se rodeado de magnificas villas e de viçosos jardins ou, mais apropriadamente, de parques em miniatura; maravilhas, alguns, de aprimorado gosto, que hoje envolvem a aprazível vivenda de Livadia, como em ninho de verdura, e a tornam uma das mais encantadoras estancias de villegiatura em toda a Europa.

O enorme parque, o qual tanto concorre a embelezar a imperial residencia, tem acesso por meio de extensa e espaçosa alameda, ladeada de palacios e jardins,—propriedades de principes e de ricos boyardos. Opulenta a vegetação de toda a especie; é abundantissimo em flores, as quaes encontram ali clima propicio e attingem desenvolvimento por vezes maravilhoso; predominando entre estas a roza, flôr que deve á gente moscovita singular predilecção.

A residencia imperial é constituída por dois corpos de edificio, ou mais exactamente, por duas construcções independentes: a mais antiga foi edificada no reinado de Alexandre II; a outra já no tempo do seu málogrado successor. Não é ostentosa a estrutura dos dois palacios, em cujas disposições internas a sumptuosidade e o luxo por forma alguma excluem o extremo conforto e uma relativa simplicidade. Predomina nos ricos aposentos, que abundam em materiaes custosos, o estylo neo-classico do fim do seculo passado. Ali, mercê do aspecto tranquillo e intimo e da extrema commodidade, o visitante sente-se á vontade e inclinado a prestar homenagem ao gosto fino e delicado, e a essa polidez slava tão cordial e atrahente, que distingue os membros da familia imperial da Russia.

As principaes curiosidades do palacio, além do modesto gabinete de trabalho de Alexandre II, o qual com religioso cuidado se conserva intacto—são a estufa, cuja collecção de plantas exóticas adquiriu reputação europeia; a magnifica capella do rito grego, annexa ao palacio moderno; a admiravel collecção de louças e porcellanas raras tanto europeias como orientaes, e os riquissimos objectos de arte em bronze, especie que merece ás classes illustradas da Russia reconhecida preferencia.

Tão risonho paraizo dir-se hia ser unicamente destinado aos prazeres e deleites da vida; e contudo, ultimamente, amarga ironia da sorte, transformava-o em theatro da mais dolorosa agonia. Em torto do leito de dôr, prostrado no qual, a cabo de prolongado martyrio, soltava o ultimo suspiro Alexandre, o virtuoso monarcha, reuniam-se os membros da illustre dynastia dos Romanoff, cuja dor profunda vinha tambem compartilhar a princeza Maria de Hesse,—a futura esposa do presumptivo herdeiro do throno moscovita, o grão duque Nicolau—que em breve será aclamado com o titulo de Nicolau VIII.

A tão sombrio painel de tristuras veio ainda carregar as côres o gravissimo estado do grão-duque Jorge A tzarina, esposa extremosa, enfermava de dôr e de cansaço, e pouco tempo depois adoecia tambem a gran-duqueza Xénia, sua filha primogenita, abalada por tamanhos desgostos, que envolviam em veio de tristeza as pouco auspiciosas vespersas do seu enlace nupcial. O seu estado chegou a inspirar serios cuidados.

CHINA, O TEMPLO DA TERRA

Comquanto a religião chinesa seja de origem remota, e cujas tradições se perdem na obscuridade das épocas primitivas, os monumentos architectonicos da China pertencem todos a uma data, posterior ao seculo XI, da nossa era. Constitue excepção unica a esta regra a celebre Grande Muralha, que se conta entre as maiores maravilhas do trabalho humano; giganteo muro de cerca, que lhe defende as fronteiras, prolongando-se por

espaço enorme, desde o golfo de Petchili até ao extremo occidental da provincia de Chien-Si. Quem, pela vez primeira, contempla qualquer cidade da China, recebe impressão de geral monotonia; e de facto, predomina, e parece ter predominado sempre na architectura do Celeste Imperio, um typo unico, de caracter hieratico, abrangendo as construcções civis e as religiosas.

Uma das singularidades, inherentes á architectura chinesa é o dominio, nas suas edificações, do tijolo e das madeiras; circumstancia aliás tanto mais difficil de explicar, quanto abunda a pedra em todo o territorio do Imperio do Meio. Empregam os chins tambem, com notavel effeito e rara perfeição technica, a porcellana nos seus edificios e um d'estes, que tão grande nomeida adquiriu na Europa, era a celebre torre de porcellana de Nankim, destruida haverá 30 e tantos annos, durante a sangrenta revolta dos Tai-Pings. E' circumstancia não menos curiosa a pouca solidez das construcções chinesas,—o que não deve por forma alguma attribuir-se á falta de conhecimentos technicos, pois a cada passo observa ali o viajante exemplos em contrario, o chim conhece soavelmente grande parte das formulas estruturales do Occidente mas só as emprega em casos especiaes; e, por uma d'essas singulares contradicções em que tanto abunda a extranha civilisação d'este curiosissimo povo, em tudo conservador e tradicionalista, o espirito pratico e positivo do chinez pouco lhe importa com o porvir: para elle, qualquer edificio, logo que tenha preenchido as exigencias da geração que o construiu para seu uso, tem feito o seu dever e satisfaz amplamente o fim a que foi destinado.

A formula hieratica dominante nas construcções chinesas é o *Tsing*, esse telhado de beirões revirados, fantorcidos, rematando em formas animaes, phantasticas, grutescas e de caracter sempre hieratico.

O mesmo hieratismo predomina, aliás, em todas as formulas e expressões da sua arte, cuja feição nos apparece tão extranha e extravagante; á qual, porém, não podemos deixar de reconhecer o raro merecimento d'uma absoluta originalidade, e um caracter de perfeita unidade em todas as suas manifestações; qualidades estas que resultam do seu intractavel exclusivismo com respeito a tudo que seja estrangeiro, e de ter sempre aquelle povo fechado com obstinação as suas fronteiras ás influencias externas. Cerca do meiodo do seculo XI operava-se nas opiniões religiosas da China profunda revolução: ao culto *Tdo*, á religião dos seus periodos primitivos, vinha substituir-se o buddhismo; e com elle se transformavam tambem todas as manifestações da sua arte. Datam da introdução do ritual buddhico as representações da figura humana entre os elementos symbolicos e decorativos da arte chinesa.

A nossa gravura representa o Templo da Terra, situado ao norte de Pekim, nos arrabaldes d'esta cidade. É singular a sua construcção, na qual parece ter sido alterado, por motivo que mal se explica, o principio hieratico da geometria sagrada, que predomina nos edificios religiosos—visto como, em vez do numero 3, symbolo da trindade buddhica, foram adoptados, como base na combinação dos seus elementos estruturales, formulas binárias.

Entre os objectos do culto chim, occupam lugar importante os vasos e perfumadores de bronze; muitos d'elles, pelos primores da execução, constituem verdadeiras obras de arte.

O CONFLICTO DE MADAGASCAR

Parecem-nos tanto mais infundadas as pretenções da França a manter protectorado effectivo e de caracter durador sobre a ilha de Madagascar, quão pouco virentes, se conservam, já hoje, os louros colhidos durante a sua anterior contenda com o reino hová, o qual constitue a mais importante nação da mesma ilha e aonde os francezes, em 1888, dirigiram uma expedição, bombardeando e, em seguida, apossando-se, do porto de Tamatava.

Um certo numero de concessões favoraveis ao seu commercio, obtidas do governo hová pelos inglezes, e que a França considera, como attentorias aos convenios estabelecidos que constituem a base do seu protectorado, motivaram um grito de guerra, levantado pelo principe de Orleans nos jornaes francezes e ao qual responderam em côro outros clamôres taes como os da *Justice* que vieram, como de costume, acordar o *chauvinismo* melindroso dos francezes, ameaçando a Republica de novas complicações diplomaticas com a Inglaterra,

semelhantes ás que em tempo surgiram entre as duas grandes nações a proposito da Terra Nova, do Egypto, da Africa Central, do reino de Sião e, tambem, já por outra vez, com respeito a Madagascar.

Levantada a questão, o enviado da republica franceza, Le Myre de Villiers, entabulava em Tananariva negociações com a rainha Navalomanjaca, ou antes com o seu governo, e a opinião publica em França aguardava ansiosa os resultados das mesmas. Le Myre representava a França em Madagascar desde 1886:—O accordo realizado por Freycinet, durante a sua gerencia, mantinha apenas um protectorado *in nomine*; parecia, pois, haver a maxima urgencia em enviar á corte hová um diplomata cuja energia e provada habilidade lograssem fazer valer os direitos da França e desmascarar o jogo do tão subtil quanto argucioso primeiro ministro do reino de Madagascar. A pericia e a firmeza de Le Myre, a principio obtiveram resultados, produzindo boa impressão no governo malgache. Não tardaram porém a levantar-se attritos, supostos ou verdadeiros, mediante os quaes Rainilaiarivony, que assim se nomeia o secretario do Estado da rainha dos hovás, tentava apalpar as forças do plenipotenciario da republica.

Nutria o primeiro ministro o projecto de fundar um banco nacional, e dirigiu-se, para tal fim, a um syndicato inglez, com o qual tentou realizar um emprestimo de 20 milhões de francos.

Impugnou-lhe Le Myre o direito de tomar a iniciativa de semelhante medida, e constrangeu-o a negociar uma transacção de 15 milhões de francos, apenas, com o Comptoir d'Escompte.

Seguiu-se á questão do banco, (e d'ali a pouco tempo) o affastamento forçado do general Willoughby, distincto official inglez que estava, havia tempos, ao serviço de Madagascar, e a quem o primeiro ministro tinha confiado certa missão diplomatica na Europa. Apesar dos snbterfugios todos e das explicações de *Rainilaiarivony*, Le Myre veio a adquirir a certeza de que o general em 1888 embarcára com destino a Zanzibar; e entretanto, as relações do enviado francez, já com a colonia britannica, já com os missionarios da mesma nacionalidade, assumiam caracter cada dia mais acerbo—estes moviam-lhe aliás, guerra surda. Lucta não menos renhida houve Le Myre de sustentar contra o *Exequatur* do chefe de Estado malgache; tentativa de emancipação e de absoluta independencia governativa, que o plenipotenciario interpretou como offensa directa á sua pessoa e portanto como um repto, lançado á face da republica franceza, por elle representada. Coincidindo com aquella medida a visita do consul inglez Haggard ao secretario de Estado, hová, Le Myre mandou arrear a bandeira tricolor da residencia, delegou plenos poderes no seu secretario Mr. Ranchot, e deu-se como ausente.

Esta attitude energica do representante da republica acobardou um tanto o secretario de Estado, o qual, por fim, veio a ceder. Entretanto, apesar de Haggard ter sustentado o *Exequatur* em opposição a Le Myre, o conflicto ficou por ali; e o caso quasi nem chegou a echoar na Europa.

Mais tarde, porém, em 1890, Lord Salisbury, por meio de manobras diplomaticas minava o já de si tão elastico protectorado francez, e o consul de Inglaterra voltando de novo á carga, tornou a levantar a questão do *Exequatur*, apertando n'esse intuito com o governo hová. Le Myre, a este tempo, achava-se substituido por Maurice Bompard; e o novo representante da republica franceza, em vista da attitude assumida pelo consul britannico, e não podendo de outra forma contrabalançar a influencia ingleza, resignou o seu cargo.

A Bompard succedeu Larrouy, e pôde dizer-se d'este, que foi ainda menos feliz que o primeiro na lucta contra as manobras do consul Haggard. Encontrava, em toda e qualquer conjunctura, sempre na sua frente, tanto a iniciativa d'aquelle como a má vontade do secretario d'Estado, e a influencia franceza declinou consideravelmente de dia para dia;—as relações esfriavam e, cada vez mais tensas, chegaram as coisas a ponto de impellir Larrouy a retirar-se, tomando de novo o caminho da França; e agora, a força das circumstancias indicou naturalmente para seu substituto o habil e energico Le Myre.

Actualmente, apenas residem no reino de Madagascar, além do pequeno numero de empregados da legação e dos poucos missionarios, uns 590 e tantos francezes, espalhados, ainda assim, por todo o vasto territorio da ilha. O numero dos que estão estabelecidos em Tananariva attinge apenas a 17. Desde que a França realisou a sua intervenção armada na politica do reino de Madagascar, o commercio francez, tanto de importação como de exportação entrou em rapida decadencia.

No anno de 1882, anteriormente á mesma intervenção, ia o seu commercio prosperando: as transacções elevavam-se á importante quantia de 22 milhões de francos; no anno de 1886, o immediato á conclusão do tractado, o trafico baixára já a 4 milhões e meio. Em 1889, subia alguma coisa e attingiu 6 1/2 milhões, e posto que, d'aquella época para cá, se tenha levantado um pouco, está, no entanto, ainda bem longe da primitiva prosperidade.

Em presença, pois, de factos tão pouco anima-

Deve-se a descoberta d'esta grande ilha a um nosso compatriota. Desgarrado da frota de Nuno Alvares Cabral, por occasião da descoberta do Brazil, Diogo Dias, que era irmão de Bartholomeu Dias e acompanhára á India Vasco da Gama, encontrou em sua derrota esta ilha e suppóz estar em frente da Costa de Africa.

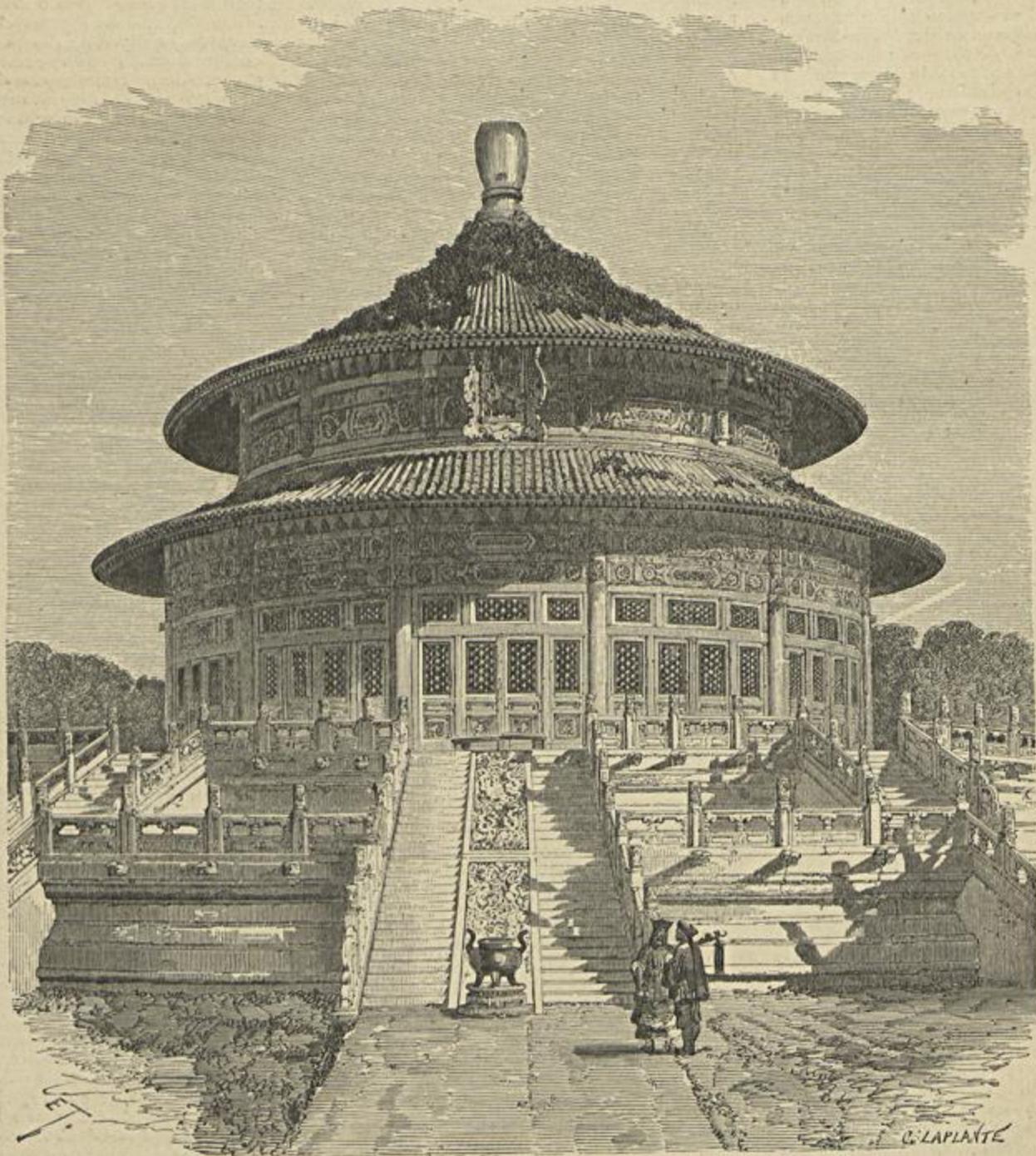
Navegou para norte e, descobrindo afinal que se enganára, voltou atraz a reconhecer a dita ilha e a estabelecer desde logo tracto com os da terra. Tendo abordado a ella em dia de S. Lourenço,

RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

III

O VENTURINHA DO POÇO

Na manhã do dia dez de Outubro ia eu seguindo muito de meu vagar, pelo caminho que vae do Calhandriz para Alverca, — aldeia que fica um pouco áquem da Alhandra, quando, a curta dis-



CHINA — O TEMPLO DA TERRA

dores, afigura-se-nos que a projectada expedição da França, não assumirá o caracter de guerra de conquista, da qual aliás só lhe poderiam advir vantagens, de todo em todo negativas.

Representam as nossas gravuras: os retratos de *Navalomanjaca*, actual rainha de Madagascar e *Ranilaiarivony*, seu habil secretario de Estado, cujos serviços a rainha hová recompensou concedendo-lhe a mão de esposa, e que hoje preside aos destinos da nação malgache. O palacio do ministro. A bahia de Diogo Soares, nome que recorda a grande época das nossas navegações. A bahia de Tamatava, bombardeada em 1883 pelos francezes.

pôz-lhe o nome do Santo. São consideraveis as dimensões da ilha de S. Lourenço de Madagascar: abrange 4 vezes o territorio da Inglaterra. A sua povoação principal é Tananariva (ou Antanariva) capital do reino dos Hovás, a nação mais importante das que povoam a ilha, e tambem a mais accessivel á civilisação europeia.

Occupa esta cidade vasto plan'alto na região interior da ilha e o seu clima fresco e salubre, contrasta plenamente com a atmospherá mortifera do litoral.

Os tres portos principaes da ilha, são Tamatava, Fouille Pointe, Antão Gil. Este ultimo, como se vê, recorda ao mundo, que os portuguezes passaram por ali.

tancia da estrada, ouço um grito de angustia: — a voz de uma criança em transe de muita afflicção. Parei, puz-me á escuta, e quiz-me parecer que o som vinha de uma capellinha ou ermida, a alguns passos da estrada. Apeio-me, entro na capella, procuro e torno a procurar por todos os cantos, mas não encontro rasto nem signaes de coisa viva.

Saio cá para fóra, adianto mais alguns passos, e ouço outro grito mais forte, parecendo vir debaixo do chão; vou andando até chegar ao pé de um poço e, debruçando-me na borda, olho e vejo lá no fundo, uma criancinha sentada sobre o lódo. O poço, como quasi todos que observei, durante a campanha, em Hespanha e Portugal, e que servem para a réga das hortas, teria entre dez e doze pés

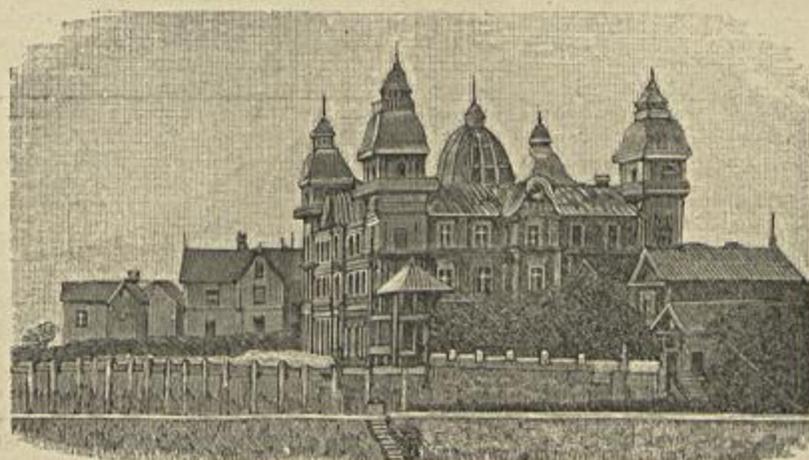
O CONFLICTO DE MADAGASCAR



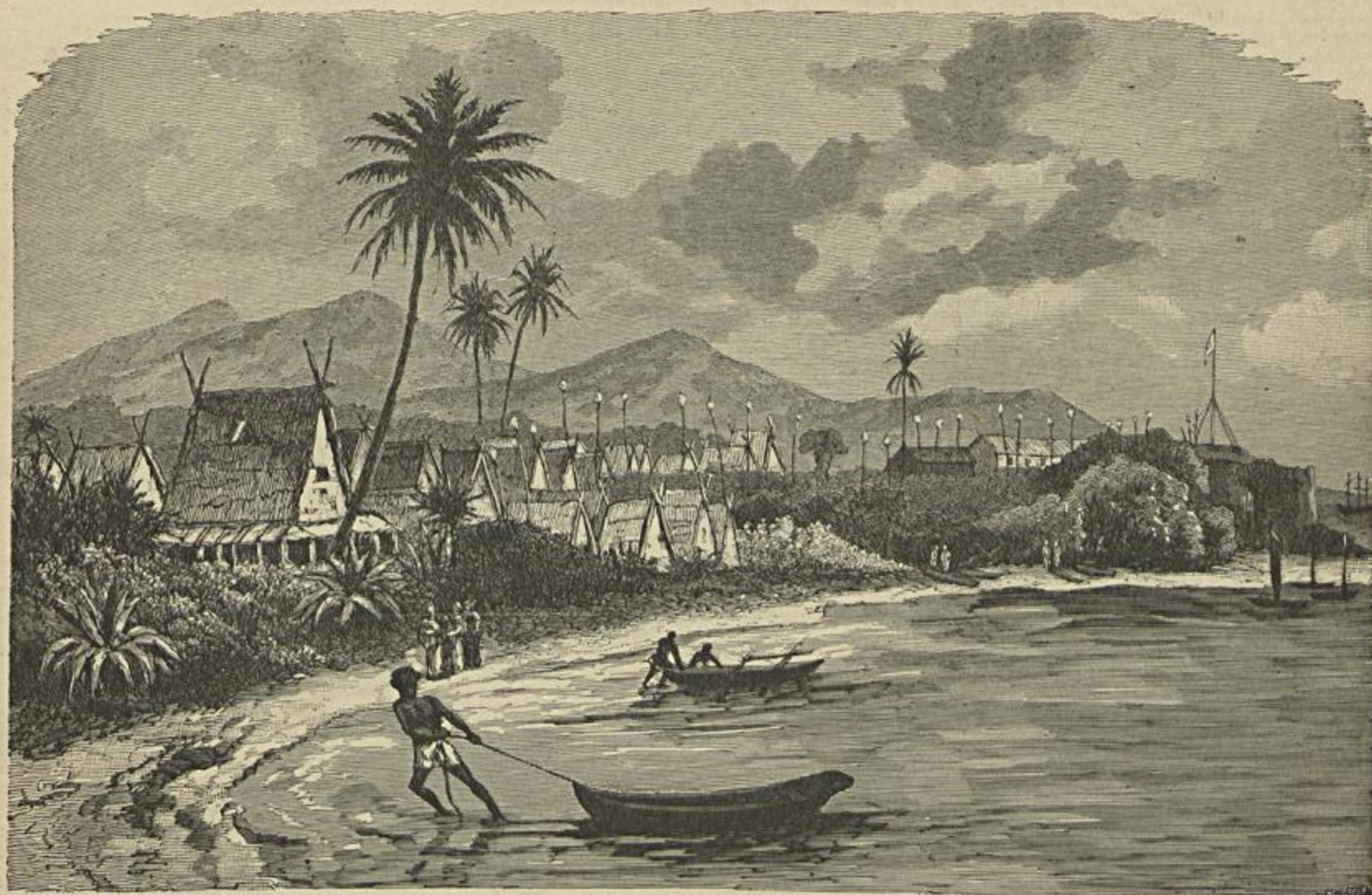
A RAINHA NAVALOMANJACA



O PRIMEIRO MINISTRO RANILAIARIVONY



PALACIO DO PRIMEIRO MINISTRO DE MADAGASCAR



BAHIA DE TAMATAVA

de diametro e, talvez, uns quinze de fundura. A pobre creança estava nuasinha de todo e era ainda muito pequenina para ter marinheiro pelo papapeito; conclui, pois, que não seria de certo accidental a queda; mas sim que qualquer alma perversa a arremeçara para ali, com o sentido de dar cabo d'ella. O poço, felizmente, estava sêcco: apenas lá no fundo apresentava grossa cama de lodo ou de limos; e foi a esta circumstancia que o menino deveu a sua salvação. Quando deu com os olhos em mim e no men impedido, ambos debruçados a olhar para o fundo, ergueu para nós as mãos e gritou, angustiado: «Mãe, mãe, mãe; ai minha mãe!»

Ordenei ao meu camarada que cortasse quanto pudesse da corda do sino e accrescentamol a com os cabrestos dos cavallos. Com este auxilio desceu o soldado ao pôço e, reunidos os nossos esforços, veio para cima a creança. Era um rapaz; e como devem suppor, vinha, coitadito, uma perfeita lastima, com o corpinho que todo elle era lodo. Parecia ter sangrado muito do nariz; porém, á primeira vista, não apresentava lesão nem ferimento por parte alguma, á excepção de um gálo na testa. Estava já em idade de ter-se nas pernhas, mas não articulava ainda coisa que se entendesse, salvo todavia as palavras a que já me referi, e portanto, não pude tirar d'elle, nem quem fossem seus paes, nem como fôra parar dentro do pôço. O impedido, para o aquecer, bafejou e esfregou-lhe os membros enregelados, embrulhou-o depois no capote, e levou-o adiante de si no arção do selim. Trouxemos-o para Alverca, onde o entreguei á jurisdicção civil de *dama* Halbert, a companheira de um sargento addido ao meu serviço. Esta, sem exaggero, coseu o pequenito n'um cobertor, até se lhe apromptar um vestidinho e a mais roupa indispensavel.

Fiz constar o caso por toda a parte, mandei pôr annuncios em Lisboa e outras terras de importancia, descrevendo a creança e o modo porque fôra encontrada; porém, por mais que me cançasse, não consegui colher informacão de especie alguma, de quem fossem seus paes, nem sequer o minimo indício que me ajudasse a desvendar o mysterio; que explicasse, emfim, a presença do innocentinho dentro do pôço. Custava-me a crer que a propria mãe — percebia-se que a creança estava acostumada aos cuidados de mãe — fosse qual fosse o seu grau de miseria ou de infortunio, tentasse por fórma tão desnaturada, vêr-se livre do filhinho.

Parecia-me, comtudo, que, não tendo sido a mãe, alguém deveria já ter apparecido a reclamar o pequeno. Seja como for, o caso é que o garote medrava a olhos vistos e, com a maleabilidade propria dos affectos infantis, dentro em pouco estava de todo acclimado aos seus novos quartéis. Algumas semanas depois vinha já papagueando uma ou outra palavrinha em inglez, sabia pedir pão, mantelga, vinho, etc., mas apenas se lhe fallava no pôço, ou o ameaçavamos, á primeira maldade ou perrice, de o deitarmos outra vez lá para dentro, o pobre innocentinho punha-se branco como papel, entrava a tremer todo, e parecia querer desmaiar de medo. Em summa, era uma linda creaturinha, com os seus cabellos escuros e anellados, a tez um tanto morêna, e um par de olhos grandes, vivos e tão pretos que nem as azas de um corvo. A medida, porém, que os dias iam passando, e eu perdendo toda a esperanza de haver esclarecimentos acerca de seus paes, ou parentes, ia tambem crescendo o apêgo que, tanto eu como aquelles que me cercavam, iam tomando ao pequenino; e como elle, coitadito, por mais que fizéssemos, não dava relação do seu nome, os portuguezes de meu serviço, encarregaram-se de o baptisar, ou antes de o chrysmar, em *O Venturinha do poço*, acunha que foi logo pelos inglezes traduzida em: *Little Fortunatus of the well*.

As circumstancias extraordinarias que envolviam o achado do pequeno *Fortunatus* não tardaram a ser conhecidas de toda a divisão, e vieram excitar a curiosidade e o interesse do major*** do regimento*** Um bello dia, estavam, elle e eu a caturrar sobre variados assumptos e eis que, desviando a conversa para o caso do engeitadinho, entrou o major a indagar, com muita insistencia, quaes eram as minhas futuras tenções com respeito ao meu protegido, dado o caso de lhe não poder descobrir pae, mãe ou qualquer outra pessoa de familia.

«A fallar a verdade,» retorqui, não lhe sei dizer; ainda não tomei resolução, qualquer que fosse, relativamente ao pequeno; mas, á falta de melhor protector, em ultimo caso, posso levar-o comigo para Inglaterra; será uma viva lembrança das campanhas da peninsula; e mais um diabrete para ir fazer inferninho lá para casa, de sucia com meia duzia d'elles que por lá tenho. N'estas altu-

ras o major offereceu-se para me alliviar do encargo de pae adoptivo, promptificando-se a tomar conta do pequeno, e talvez mesmo adoptal-o, mais tarde; no caso que eu lhe concedesse plena liberdade para poder dispor d'elle, como melhor entendesse e julgasse util para o bem da creança. Ora, o major era um cavalheiro que tinha meios; casado, mas sem filhos, e o offerecimento pareceu-me tão vantajoso para o futuro do Venturinha, que não estive com mais hesitações e consenti de bom grado.

Terminada a campanha, quando nos despedimos, transferi-lhe a pessoa de pequerrucho com todos os meus direitos e privilegios. O major, segundo depois me constou, mandou para a Irlanda o rapaz, para se crear e educar e, pelo espaço de cinco ou seis annos, não tornei a ouvir fallar nem d'elle nem da creança. Durante este lapso de tempo o pequeno entrou para o collegio e, segundo parece, desinvolveu aptidões de tal ordem, que o major foi-lhe creando cada vez mais amizade e, afinal, um bello dia, recebo uma carta d'elle, em que me pedia pormenores circumstanciados acerca do achado do pequeno no pôço — carta a que respondi, repetindo o que sabia, isto é, o que já, em tempos, lhe contára. D'então para cá não tornei a ter noticias nem do major nem do Venturinha o qual, certamente, deve a estas horas estar já um homem; e, como é provavel, prestes a atingir qualquer posição sem duvida mais elevada na escala social, do que aquella em que viveram seus progenitores, e á qual, a não serem os desastres que assolaram o seu paiz natal, elle em caso algum teria podido aspirar. A providencia, porém, amparando-o, com o seu braço omnipotente veio a transformar o mal excessivo em bem supremo.

A publicação da presente noticia servirá de pedra de toque ao seu caracter. Admittindo que Deus lhe tenha dado animo viril e generoso, mantentalos-ha confessando o muito que deve a quem, depois de Deus, encaminhou os seus primeiros e mais importantes passos, não só para a posição que actualmente disfructa como ainda para a realização das suas futuras aspirações, dado o caso, porém, que dominem no seu animo a vaidade e a soberba, terá inevitavelmente a fraqueza de cõrpar perante o mysterio que lhe envolve o berço e, sendo assim, não tornarei de certo a ouvir fallar no Venturinha do poço.

Spectator.

BISCATOS DE HISTORIA

Não assignalam os livros de nossa historia o dia da morte de Garcia de Resende, o celebre chronista de D. João II.

Ha quem o creia vivo em 1545. Igualmente se acredita que elle vivera solteiro, e deixara descendencia em filhos bastardos.

N'um livro d'obitos da Misericordia d'Evora, lê-se, porém, que em 3 de Fevereiro de 1536 morreu Garcia de Resende.

E n'outro livro do mesmo cartorio se lê que em 25 de Novembro de 1592 morreu Maria de Resende, mulher de Garcia de Resende. Será o chronista? será a mulher?

Ignoram nossos biographos o dia em que falleceu Jeronymo Corte Real, apontando vacillantemente alguns o anno de 1593

Um livro do referido cartorio da Misericordia d'Evora diz que elle morrera em 16 de Novembro de 1588.

Escreve o auctor da *Bibliotheca Lusitana* que Damião de Goes casára na Haya com Joanna d'Hagen, e não aponta outra mulher ao illustre chronista de D. Manoel.

N'um dos citados livros d'obitos da Misericordia d'Evora se lê que em 6 de Agosto de 1588 morreu Maria de Lacerda, mulher de Damião de Goes.

A *chorographia do Algarve*, de João Baptista da Silva Lopes, ao fallar de Damião Antonio de Lemos Faria e Castro, não diz com quem casára o fecundo escriptor, e Innocencio no *Diccionario Bibliographico* o mesmo deixa no escuro.

Casou em Evora, tendo 18 annos de idade, na freguezia de Santo Antão, com D. Inez Dorothea Henriques de Menezes.

Do codice ^{CIX}/₁₋₁ da *Bibliotheca d'Evora* são tirados estes dados historicos.

A. F. Barata.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do n.º 571)

VIII

A COLLECÇÃO DA BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Na *Bibliotheca Nacional*, encontra-se uma notavel collecção de manuscritos illuminados. Seiscentos e dois são elles. Quatrocentos e cinquenta e quatro pertenceram ao mosteiro de Alcobaça e d'esses ha catalogo impresso. Dos restantes vamos aqui dar uma noticia muito rapida e despretençiosa.

Aliqua Sanctorvm. Livro de cantochão, muito bem illuminado com as côres no tom caracteristico das illuminuras e decorações da idade media. Ha um outro exemplar, cujas lettras illuminadas são muito bem coloridas e graciosas na sua estrutura ornamental. A lettra inicial que, é um T, é formado por um golphinho. Ha um outro exemplar, cuja encadernação é fortalecida com cantos de metal cujo trabalho é de forja e representam delicadamente a cruz de Malta. Estes manuscritos pertenceram ao convento de Santa Joanna, de Lisboa, e d'este convento, ainda encontramos, além de muitos outros manuscritos a citar, um livro de cantochão começando na pascha e em cujo frontispicio se vê uma grande tarja e uma lettra inicial, muito colorida, e que nos apresenta a particularidade do uso da prata, pois que a vemos empregada nos fundos d'esta illuminura. No resto é grosseiro.

Ambrosius Mediolanensis Episcopus.

Este codice é singularissimo pela perfeição e regularidade dos miudos caracteres redondos, chamados romanos, com que é escripto: o pergamino é finissimo e as iniciaes delicadamente illuminadas. Suppõem se do XVI seculo.

Ha um outro exemplar; em quarto francez, com tarjas e lettras iniciaes illuminadas e douradas.

Antiphonario do Advento e Quaresma e sabbados e domingos pello discursso do ano. Este grande manuscrito pertenceu ao convento da Ave Maria, do Porto. Pouco valor tem artisticamente, são as suas illuminuras insignificantes. Na segunda fôlha lê-se:

Este livro mandou faser a senhora dõna Felippa Pereira sendo abbadessa d'este convento. Anno de 1687.

A capa tem cantos de metal e em cada face, ao centro, ha uns escudetes ovas com uma freira, e que julgamos seja a abadessa que permittiu se legasse á posteridade a sua effigie em bom latão.

Bernardus de Trilla. Super Apocalypsum Em pergamino, in folium, escripto a duas columnas, com caracteres do XIV seculo. Uma parte d'elle é composição do dominicano Fr. Pedro de Tarantasia, que foi elevado a papa com o nome de Innocencio V, como se vê d'uma nota que ha entre os capitulos 18 e 19, feita pelo copista que deixara de ter presente o original.

(Continúa),

Esteves Pereira.

SEGREDO ANTIGO

Romance pelo Morgado de Fortinhães

(Continuado do n.º antecedente)

II

AGUAS PASSADAS

O vaticinio da sr.ª Domingas, comquanto demorasse alguns annos a confirmar-se, não falhou. Estavam tinha já vinte annos, quando certo dia, abruptamente, começou a reparar na melancolica ternura que encerrava o lindo olhar escuro de Clara; pela primeira vez, ao encaral-a, cõrou; e um delicioso enleio pueril, perturbava-o agora, nos curtos momentos em que, como de costume, ambos se encontravam na sala. Como se o fluido de algum fortuito olhar fosse transmissor de estas emoções, os gestos e palavras de Clara, começaram igualmente a denunciar uma perturbação intima, todas as vezes em que Estavam lhe fallava ou, mesmo em silencio, e se conservava perto d'ella.

Este alvorecer passivel, lentamente adivinhado por ambos, começou a encher de pequenos encantos a sua vida; quando elle sahia, Clara, occulta pela vidraça, ficava-se a vê-lo ir vagarosamente pela rua abaixo, voltando para traz o olhar desconsolado. Mas o maior prazer que lhe turbulava o coração, era quando, na hora das refeições, entre a familia, elles trocavam em olhares

furtivos, o segredo da sua paixão, gozando a doçura d'aquella penetrante intimidade ainda não confessada, mas que os seus olhos adivinhavam nitidamente.

Um dia, Estevam, perto da noite, trouxe uma linda dhalia do jardim, e entrou na sala onde Clara pespontava o bordado esgaçado de um chambre, escondendo a flôr atraz de si, n'uma attitude natural. Uma penumbra crepusculina melancolizava a sala, onde errava o perfume dos cravos da janella. A rapariga, sentindo passos, ergueu os olhos da costura.

— Ah, és tu? — disse, tentando naturalidade, com um leve rubor na face. — Vens do jardim?

— Venho. Lindas flôres...

— O pae está lá?

— Está, anda a regar... Aquellas dhalias que nós plantámos no anno passado, lembras-te? estão bonitas a valer. Já tem flôres.

— Já?...

— Já. Eu até te trouxe uma, — e exhibiu a dhalia que occultava. — Quando a colhi...

— E' linda! — interrompeu ella.

Estevam proseguiu, com voz incerta:

— E. Quando a colhi, lembreste-me tu... e até a trazia para t'a dar... se quizeses...

Clara, como unica resposta, estendeu a mão; Estevam pousou a dhalia n'ella e ao mesmo tempo apertou-lhe nervosamente os dedos pallidos.

— Ai! — fez ella, irreprimivelmente, com um movimento de maguada.

— Que foi?

— E' que, apertaste tanto...

— Apertei?

— Apertaste.

— Foi sem querer...

— Pois está visto!

Estevam não soltou mais palavra; vexado pela sua timidez errou algum tempo pela sala, em silencio, foi á janella, tropeçou n'um vaso de cravos e afinal, aproximando-se disfarçadamente da porta, sahio trauteando, com voz estrangulada, uma arieta confusa.

Como os prunhos d'este amor timido, acabasse com as suas intimidades de irmãos, José Elias, pouco conhecedor do coração humano, andava macambusio, desgostoso por vêr assim inesperadamente quebrados esses laços affectuosos que elle sonhava apertar matrimonialmente, seduzido pelo meio milhão dos Pimentas, que o rapaz certamente herdaria quando o dia solemne dos 25 annos chegasse, e o segredo da papelada fosse afinal descoberto.

E nas horas propicias, increpava a esposa, suppondo que ella interviera n'aquelle desaffecto subito com alguma trama feminal... Ella protestava afincadamente, «embora pedisse a Deus que os rapazes se não affeioassem» — dizia. Mais esperata que o marido, a sr.^a Domingas desconfiava cada vez mais e continuava a afirmar desalentadamente, que «aquillo vinha a desatar em paixão».

— Ora boas! — retrucava o Elias, impaciente. — Está sempre a desatar e não desata nada! Pois já não é por falta de tempo! Olha, sabes que mais? Se elles continuam assim, sem se importar um com o outro, eu tiro-me dos meus cuidados, e pergunto ao menino Estevam, se tenciona ficar assim toda a vida, a vadear por essas ruas... E se elle me não disser que tem paixão cá pela nossa Clara, eu digo-lhe que é preciso cuidar de vida, e ferro com elle outra vez nos estudos.

— Deixa lá, homem! Elle não é nosso filho, que faça o que quizer. Que, cá pela pequena, eu antes queria que tanto um como o outro, nunca pensassem n'essas tolices...

— Oh mulher, tu não me faças desesperar! A que demonio chamas tu tolices, minha tapada? Pois tu não vês... Olha, vae á tava, não estou p'ra te dar tréla. E faz favor de te não entremeteres em nada de isto, ouviste? Se tu és tola, eu é que não sou.

— Pois então arranja-te lá como quizeres, e espera pelos resultados! — fez a sr.^a Domingas, com um gesto de isenção pondunorosa, fugindo á philosophia da marido.

Esta disputa conjugal, de que o José Elias sahio mais azedo e descrente, coincidiu com uma singular entrevista que defeniou a situação amorosa de Clara e Estevam.

Era em julho, um calor tropical cahia do alto, onde o ceu, n'uma irradiação excepcional, parecia de aço polido. Os cravos do varandim dobravam-se sobre a haste, exangues, exhalando o seu aroma forte e perturbador. As portadas das janellas, meio cerradas, punham na saleta uma penumbra sensual que o vulto de Clara, alvo do percale estivo que a vestia, tornava mais perturbante ainda.

Estevam, n'aquella manhã, não sahira. Amollecido pelo calor, estirara-se n'um velho canapé de junco, que lhe opulentava o quarto, lendo com

absorvente interesse um romance de Ennery. Tinha seguido uma scena de amor, n'um terraço inverosimil, sobranceiro ao mar, e preparava-se para assistir a um duello entre dois rivaes, que uma estampa barbara representava n'um ermo de floresta, de casaca, apontando-se mutuamente duas pistollas que mais pareciam dois chavelhos de novilho, — quando lhe chegou aos ouvidos o rumor da machina de costura que os pésinhos gentis de Clara, faziam manobrar acceleradamente. — O effeito foi instantaneo. Uma energia brusca sacudiu o seu ser enervado pela leitura sentimental da novella; e, arremessando o livro, sahio impetuosamente do quarto, murmurando consigo:

— Ha-de ser hoje!

Mas antes de entrar na sala, como o ruido da machina continuasse, parou a reflectir. Como havia elle de começar?... — E poz-se a imaginar o dialogo: — principiaria por fallar-lhe do calor do dia... Depois, do livro que estivera lendo: historiaria a scena ardente de um capitão de huszards, que, em seguida a uma declamação esbraveada, ajoelha aos pés de Jacqueline, a protagonista do romance, exclamando: «Oh, como sois amada, senhora minha!» — E, em chegando a este ponto, era occasião de deixar escapar dos seus labios frementes da oratoria, o segredo que lhe queimava o coração...

Animado por este plano estrategico, entrou. Mas logo a luz dubia da sala, onde o vulto de Clara destacava, começou a perturbal-o como uma cumplicidade inexoravel; e como ella, sentido ruido, se voltara, Estevam fez dois passos hesitantes, sorrindo e córando.

— Vim até aqui... — disse. — No meu quarto, está um calor!...

— Aqui está mais fresquinho, porque eu fechei a janella, senão...

Interrompeu-se para quebrar com os dentes um fio de algodão que prendia a costura á machina, e veio sentar-se, n'uma cadeirinha baixa, ao pé da janella. Estevam, fingindo lassidão, sentou-se tambem, em frente.

— Tu hoje não sahiste? — tornou ella, quebrando o silencio difficil que se fizera.

— Não. Está um sol que queima! tive medo de apanhar alguma, e puz-me lá em cima, no meu quarto, a ler...

— Ah!

— E' um romance muito bonito. Um militar que gosta muito da filha d'um banqueiro; depois, ha um duello entre o militar e um visconde que tambem queria a tal menina...

Mas Clara, pouco sensivel áquellas maravilhas de melodrama repuxou levemente um debrum bordado que pregara n'um chambre, e perguntou, sem erguer, os olhos, mostrando a sua obra:

— Gostas de esta guarnição?

— Gosto, — fez elle, de prompto. — E' linda!

E depois, mais animado pelo tom de voz d'ella, galhofou:

— E' para o teu enxoval?

— E', —olveu ella n'um riso.

— Não te esqueças de me convidar para a boda.

— Pois está visto!

Houve um pequeno silencio.

— Olha, Clara, tu estás a rir-te, mas afinal, quem sabe o que por lá vae!...

— «Por lá», por onde?

— Pelo teu coração... Quem sabe se tambem estás como aquella menina do romance, que se ria sempre, e afinal, no intimo, andava babadinha pelo tal militar.

— Isso são coisas de romances... A mim, ninguém me quer.

— Ou és tu que não queres ninguém.

— Tambem pôde ser.

— Porque se quizeses, não faltaria quem procurasse a felicidade nos teus olhos.

Esta fineza, reminiscencia idyllica das suas leituras, perturbou visivelmente Clara.

— Não digas tolices, — balbuciou ella.

— Tolicés?! Pois tu não vês que eu... sim, se tu gostasses de mim... Que mais queres eu?... — Ora! Tu dizes isso mas é para...

Interrompeu-se abruptamente; a sua voz tinha lagrimas.

— Para que?... Fallo serio, tu hem sabes que eu morro por ti. Não vês como eu tenho andado sempre triste, por ver que tu não gostavas de mim!... Nunca saio que não tenha logo vontade de tornar a casa, para te ver...

As palavras vinham-lhe á bocca anciadamente, e o seu olhar contemplava, n'um spasma idiota, a rapariga, que curvara a cabeça sobre o peito, mordendo soluços.

— Tu bem sabes, — repetia elle. — Não ha ninguém no mundo que goste de ti como eu gosto.

Ella ergueu a cabeça:

— E' serio, isso? — fez, com vehemencia.

— Oh filha! Pois que mais é preciso dizer-te? Tu não vês como eu aqui estou, fora de mim...

Mas n'este momento, uns passos pesados fizeram ranger o taboado do corredor, e a figura de José Elias appareceu á porta de guarda-sol em riste, bramando contra a soalheira que o tinha torresnado, só de vir da Sé para casa.

— E vocês que demonio fazem ahí assim, passados?

Elles sorriram, vagamente compromettidos:

— E' do calor.

José Elias lançou-lhes um olhar desconfiado, e resmungou entre dentes:

— Ai que a coisa desatou!

Clara, ouvindo o final do soliloquio, ergueu para elle os olhos:

— O que, o que foi que desatou?

— Nada; é aqui um nastro das ceroulas... — E sahio, com a face illuminada, confidenciando á mulher, que a amizade dos rapazes tinha desatado em paixão, emfim!

(Continúa.)



REVISTA POLITICA

O *Diario de Governo* do dia 29 de novembro, publicou um extenso relatório que conclue por um laconico decreto, que manda encerrar a «sessão das camaras legislativas, as quaes opportunamente serão convocadas».

Eis a conclusão a que se chegou depois de dois mezes de sessão legislativa, em que nada se legislou.

Não seremos nós que nos deixaremos arrastar na onda das paixões que para ahí bravejam, porque essa onda só pôde arrastar os que n'ella se deixam ir por calculo e conveniencia, ou os ingenhos comparsas, que, sempre os ha para estas comédias.

Por isso vamos analysar muito friamente, com a nossa costumada imparcialidade, os factos que determinaram a publicação do decreto que acima referimos, que nem sequer convidou á especulação dos supplementos, que invadem a capital, sempre que ha casos graves a noticiar, para abrir appetite aos curiosos e explorar os dezreisinhas do povo.

Havia já cinco dias que na camara dos senhores deputados as sessões eram interrompidas e por fim encerradas, no meio de grande chinfrin, sem se poder entrar na ordem do dia, que era a discussão do *bill* de indemnidade.

Devemos notar que desde o principio das sessões da camara, se revelou certa inexperiencia da presidencia, e ainda peor do que isso, a falta de oradores, na maioria, para defenderem o governo dos ataques da opposição, o que obrigou o governo, principalmente os srs. Hintze Ribeiro, João Franco, e Carlos Lobo d'Avila a sustentarem nas duas casas do parlamento uma lucta enorme nas discussões, tendo muito poucos deputados que saíssem á estacada das repetidas investidas da esquerda.

Reconheceu-se emfim, que a maioria era de pagaios de Angola, que fallam tanto como a gaiola, e conhecido o fraco, a opposição aproveitou-se d'elle, estafando os ministros e os raros deputados da maioria que sustentavam as discussões.

Era uma arma de que a opposição se servia á falta de melhor, e d'ahi as interpeações, os incidentes, o repisar das discussões, as inconveniencias repetidas dos oradores, pondo a presidencia em constantes difficuldades para manter a dignidade e o respeito, que se deve observar em uma assembleia regularmente constituida, chegando emfim aos conflictos das ultimas sessões, em que tudo se embrulhou, apesar de um novo regimento, votado de tropel e que afinal só serviu para irritar ainda mais os animos.

Foi peor a emenda que o soneto, e nem era de esperar outra coisa, no meio da anarchia a que a camara tinha chegado.

Foi o sr. Beirão, deputado progressista e ex-ministro da justiça, no ultimo gabinete formado pelo seu partido, que se insurgiu contra o novo regimento, declarando que não o acatava nem o cumpria porque não fóra legalmente votado pela camara entre o tropel do final da ultima sessão.

N'este ponto o sr. Beirão tinha razão, e para as coisas se passarem como se passaram, o novo regimento foi perfeitamente inutil.

O chinfrin chegou a tal ponto, que o presidente encerrou a sessão, porque o sr. Beirão, apoiado pela minoria, não deixou fallar os oradores inscriptos sobre a ordem do dia.

Ora parece-nos que as camaras não reuniram para isto, mas sim para discutirem as leis que o governo lhes apresentasse, para tomarem conta a esse governo dos seus actos dictatoriaes, para collaborarem emfim nos meios governativos e administrativos da nação.

Compreende-se que a opposição provocasse os conflictos que provocou, se ella n'isso obedecesse a um plano, para qualquer fim, ainda mesmo que esse fim fosse a revolução; mas promover taes desordens, no seio do parlamento, só pelo amor da arte, sem nenhuma ideia a defender, no meio da indiferença do paiz e da frieza das galerias, é realmente um excesso de nephelibatismo, como agora se diz, d'onde lhe não resulta nem proveito nem gloria.

Não é assim que se derrubam governos, porque os governos só sahem dos revolucionarios quando esses revolucionarios defendem uma ideia, e a revolução triumphar; de contrario fica o que está e fica ainda mais firme.

A revolução, porém, não a fazem meia duzia de individuos; fal-a a melhor parte d'um povo.

Mas quem falla em revolução?

Então se não é revolução que querem, se não tem elementos para isso, nem tal lhes passou pela ideia, então qual é o seu fim?

Ninguém o poderá explicar racionalmente, e mais uma vez repetimos que, o grande deficit d'este paiz está sendo o do censo commum.

Qual é o serviço que a opposição com este proceder prestou ao paiz?

Como provou ao paiz os erros do governo, como procurou defender o paiz d'esses erros, como lhes provou que seria capaz de governar melhor, de lhes merecer mais confiança?

Perdemos o nosso tempo se vamos por este caminho, porque não é a emendar erros governativos, nem em governar bem ou mal que os politicos pensam, n'esta boa terra. Elles só pensam em ser governo, gostam d'isso, e por isso quebram lanças e carteiras, para vestirem a farda de ministros e andarem de correio ao lado.

É um divertimento e prazer como outro qualquer, mas que o povo tem pago tão caro, que receiamos muito chegar um dia em que elle não possa pagar taes caprichos e gosos.

N'esse dia em que não houver vintem, é que é o dia da revolução.

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Elementos de geographia geral, illustrada, com numerosas gravuras, tabellas e mappas, e rematada por um indice alphabetico por Carlos de Mello. Lisboa, typographia do Commercio, 50, Rua Ivens. 1893 a 1894.

Proficientemente escripto este tratado elementar de geographia geral é o mais completo no seu genero. Porém acima d'este predicado outro de maior valor se nos evidencia é que, o compendio em questão, está escripto sob um ponto de vista, infelizmente pouco apreciado e usado pelos redactores de trabalhos semelhantes; o limitar a doutrina expandida resumindo o que ha de mais elementar e notavel na sciencia.

Technicamente o livro é escripto em estylo apropriado á sciencia sem que todavia se prejudique o conciso e correntio.

Bem desenvolvida, redigida de uma forma, só facil a um sabio, como inquestionavelmente o é n'esta sciencia o sr. Carlos de Mello, mostram os *Elementos de geographia geral*, um alargamento em rudimentos de topographia, elementos da mais imperiosa necessidade ao estudante de geographia, um notavel alargamento na parte que trata de geographia mathematica e ainda na geogra-

phia physica admiravelmente exposta nas suas divisões em estatica e dinamica.

A geographia biologica apparece, e talvez pela primeira vez em trabalho nacional, indicada para estudar-se d'uma maneira superior.

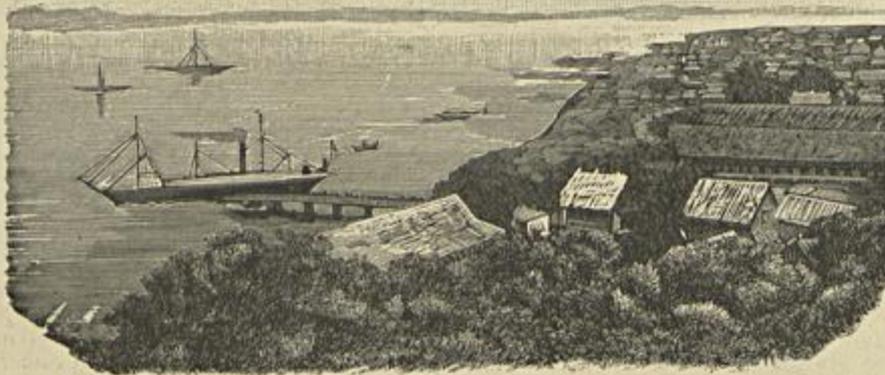
Os capitulos de geographia politica, seguem ainda o mesmo modo de exposição comparada, o que facilita o estudante na synthese do seu trabalho pois que lhe reúne as formas politicas, etc. de modo que não é necessario haver já estudado os diferentes paizes para que saiba o regimen em geral d'esses estados.

A obra do sr. Carlos de Mello, se não tivera o seu nome a firmal-a, deixal-o-hia perceber; e com tanta honra quanta merece o notavel geographo portuguez.

Agradecendo ao sr. Carlos de Mello a offerta do seu livro, damos-lhe tambem os nossos sinceros parabens pelo acolhimento digno e justissimo que a sua obra tem merecido. Assim se adoptou já em alguns lyceus e escolas officiaes e particulaes. Isto prova a excellencia do livro. Da parte material da obra só nos resta dizer que é um grosso volume de mais de oitocentas paginas, profusamente illustrado com magnificas gravuras e em bom papel.

Digamos ainda, que o preço é relativamente muito barato pois que não excede 1200 réis, o que torna accessivel o livro e lhe faz esperar larga extracção.

O CONFLICTO DE MADAGASCAR



A BAHIA DE DIOGO SOARES

Nova Bibliotheca Economica. Intitula-se *Estalagem Maldita* o primeiro volume publicado por esta Bibliotheca.

A *Estalagem Maldita* é um dos mais pujantes trabalhos do grande e desditoso romancista Luiz Noir, romance que subjugou a grande familia dos que lêem, em Paris e em Londres, pela phantasia empolgante que ali se apresenta e pelo colorido dos personagens, que se movem desde as tabernas mais immundas até aos *boudoirs* mais perfumados.

E já que fizemos a apresentação do romance digamos tambem que a *Nova Bibliotheca Economica* põe esses magnificos livros na rua pelo preço de 100 réis, que cada um terá em média 300 paginas — o de agora tem 322! — e que as traducções são feitas de maneira a não offuscar em nada o interesse e o estudo de typos, do original.

E, portanto, a empreza litteraria mais audaz que se tem apresentado entre nós, onde os livros até hoje mais baratos apenas teem chegado ás 100 paginas pelo mesmo preço que os romances da *Nova Bibliotheca Economica*!

A brochura da *Estalagem Maldita* é muito elegante, vindo mostrar que no nosso paiz, se está trabalhando correctamente n'este sentido.

Revista Contemporanea, de questões religiosas, scientificas, philosophicas, historicas e sociaes. Redactores: Dr. Luiz Maria da Silva Ramos e Fortunato. Anno I, outubro de 1894. N.º 7. Coimbra. Imprensa Academica

Esta sympathica revista coninbricense apresenta-se-nos dizendo:

«Examinar os grandes problemas sociaes que agitam o mundo civilisado, discutir as questões scientificas de mais viva actualidade, e estudar á luz de uma critica justa e esclarecida, os assumptos historicos de maior interesse, tal é o ideal e o programma da *Revista Contemporanea*».

Pelos artigos que enceta n'este seu primeiro numero, se pode deduzir quão grande é a proficiencia com que a nova revista se sabe desempenhar. Portanto, longa vida ao novo periodico.

Gil Vicente, pelo visconde de Sanches de Baena. Marinha Grande, Empresa Typographica, 1894. Um vol. de 168 pag. in-4º impresso em optimo papel, edição esmerada.

Os lidos e interessados em assumptos historicos, devem estar lembrados, da notavel questão levantada entre Theophilo Braga e o hoje fallecido escriptor Camillo Castello Branco, (Visconde Correia Botelho) acerca de Gil Vicente, ourives e Gil Vicente poeta ser um mesmo individuo, segundo sustentou o sr. Theophilo Braga.

Tambem devem estar lembrados, que por essa occasião (1882) o sr. Brito Rebello, sustentou brilhantemente, com bem fundadas razões, e provas, n'uma serie de artigos publicados no OCCIDENTE, que Gil Vicente ourives era perfeitamente distincto de Gil Vicente poeta.

A obra do sr. Visconde de Sanches de Baena, agora publicada, vem reforçar a opinião de que Gil Vicente poeta, não tem relação com o ourives, para o que apresenta valiosos documentos colhidos em aturadas investigações, de doze annos de pesquisas, e se não são a ultima palavra sobre o assumpto, é porque este, como todas as investigações historicas envolvidas em meandros e sombras, que é difficil destrinçar e fazer luz, nunca se pôde afirmar um completo triumpho.

O trabalho do sr. Visconde de Sanches de Baena, é valioso, como todos os que o erudito investigador tem emprehendido, e faz honra á sua tenacidade de cavar em ruinas, a que ha muitos annos se dedica.

Uma coisa, porém, encontramos no livro a que nos estamos referindo, com que não podemos concordar: é o retrato que ali se apresenta, como sendo o de Gil Vicente.

Este retrato atraiçoa-se pelo vestuario, que evidentemente é do seculo XVII, e muito embora elle fosse encontrado «collado á folha d'um livro de poesias,

demonstrando ter sido cortado d'algunha obra publicada em hollandez, porque se divisam, por transparencia, phrases impressas no verso do mesmo retrato, pertencentes aquelle idioma,» isso a nosso vêr nada prova para a autenticidade do retrato.

Pena é que tão valioso trabalho de investigação sobre o notavel auctor da Custodia de Belem, seja inquinado por um supposto documento que ao auctor se afigurou merecer credito.

Ao sr. Visconde de Sanches de Baena agradecemos a valiosa e tão amavel offerta do seu livro, pedindo desculpa da ligeira observação que fazemos sobre autenticidade do retrato, que a nossa consciencia não podia deixar sem reparo.

ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE»

Para 1895

Já está publicado e á venda este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando a Batalha das Florés no Campo Grande.

Preço 200 réis — pelo correio 220 réis.

Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C.º